

Universidade da Maia

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento



Avaliação da Adaptação Psicossocial em Adolescentes Autores de Homicídio e Latrocínio:

Um Estudo com a Prova de Rorschach

Jeane Carla Novaes Pereira Machado

Mestrado em Psicologia Clínica Forense

Professor Doutor Tiago Bento da Silva Ferreira e Professora Doutora Filipa Isabel Pimpão

Ferreira

Agradecimentos

A Deus, pela vida e pelo processo de crescimento.

Aos meus pais, familiares e amigos, pelo apoio e pelo afeto.

Ao orientador, Professor Doutor Tiago Bento da Silva Ferreira, à coorientadora, Professora Doutora Filipa Isabel Pimpão Ferreira, e ao Professor Doutor José Daniel Ferreira Nunes Barbosa de Castro, pelos ensinamentos, contribuições, paciência e orientação na execução deste trabalho, que possibilitaram a concretização deste momento.

Aos professores e colegas do mestrado da Universidade da Maia, pelo aprendizado compartilhado.

À Sociedade Rorschach de São Paulo, pela colaboração e pela autorização para o uso dos protocolos utilizados nesta pesquisa. Agradeço, com especial referência, à Mestre Flavia Aparecida Chammas, pelo empenho e pela simpatia sempre demonstrados nas supervisões. À Professora Doutora Lúcia Maria Salvia Coelho (in memoriam), minha eterna gratidão pelo aprendizado, carinho e amizade. Agradeço também a todos os colegas, professores e funcionários da Sociedade.

Aos adolescentes que participaram deste estudo, com meu respeito especial em memória das vítimas.

Resumo

O perfil psicológico de adolescentes autores de crimes violentos permanece pouco conhecido. Este estudo avaliou a adaptação psicossocial de adolescentes brasileiros autores de homicídio e latrocínio, institucionalizados, utilizando a prova de Rorschach segundo o Sistema Aníbal Silveira (Silveira, 1985), em uma amostra de jovens ($N= 24$; 91.66% do sexo masculino) com idades entre 14 e 20 anos ($M= 17.35$; $DP= 1.2$). Os resultados indicaram dificuldades significativas de adaptação à realidade, déficits na integração perceptivo-cognitiva, limitações na internalização de normas sociais e vínculos emocionais pouco elaborados, além de tendência à impulsividade e dificuldades no controle das emoções. Identificaram-se diferentes perfis psicológicos, variando entre déficits cognitivos, comprometimento relacional e desorganização afetivo-cognitiva, sugerindo múltiplos fatores de desadaptação psicossocial que comprometem a capacidade desses adolescentes de lidar com as demandas sociais e emocionais do cotidiano. Os achados ressaltam a necessidade de intervenções especializadas voltadas ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, de modo a favorecer a reintegração social desses jovens.

Palavras-chave: Rorschach; adolescentes em conflito com a lei; adaptação à realidade; cognição social; regulação emocional.

Abstract

The psychological profile of adolescents who commit violent crimes remains poorly understood. This study evaluated the psychosocial adaptation of Brazilian adolescents who committed homicide and robbery, institutionalized, using the Rorschach test according to the Aníbal Silveira System (Silveira, 1985), in a sample of young people ($N = 24$; 91.66% male) aged between 14 and 20 years ($M = 17.35$; $SD = 1.2$). The results indicated significant difficulties in adapting to reality, deficits in perceptual-cognitive integration, limitations in the internalization of social norms, and poorly developed emotional bonds, as well as a tendency toward impulsivity and difficulties in controlling emotions. Different psychological profiles were identified, ranging from cognitive deficits to relational impairment and affective-cognitive disorganization, suggesting multiple factors of psychosocial maladjustment that compromise these adolescents' ability to cope with the social and emotional demands of everyday life. The findings highlight the need for specialized interventions aimed at developing cognitive and socio-emotional skills in order to promote the social reintegration of these young people.

Keywords: Rorschach; adolescents in conflict with the law; adaptation to reality; social cognition; emotional regulation.

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract.....	III
1. Introdução	01
2. Fundamentação Teórica.....	01
2.1. Adolescência e Comportamento Infracional	01
2.2. A Prova de Rorschach como Instrumento de Avaliação da Personalidade.....	04
2.3. Indicadores do Rorschach para Avaliação do Perfil de Ofensores.....	05
2.3.1. Cognição Social e Adaptação à Realidade	05
2.3.2. A Adaptação à Realidade (Rmi).....	11
2.3.2.1. Esfera Conativa – Julgamento de Realidade (%F+)	11
2.3.2.2. Esfera Afetiva – Ligação Emocional com o Ambiente (%A)	13
2.3.2.2.1. Índices de Afetividade, Impulsividade e Respostas de Cor	13
2.3.2.3. Esfera Cognitiva ou Intelectual – Assimilação Lógica dos Valores Sociais (%V)	14
2.3.3. Respostas de Movimento (RM).....	15
2.3.4. Respostas de Perspectiva (RPs).....	17
2.3.5. A Importância das Respostas de Conteúdo Humano (H)	17
2.3.6. Noção do self (si mesmo)	18
3. Objetivo	19
Figura 1- Esquema dos índices que serão utilizados para explicar este trabalho	20
4. Método.....	20
4.1. Participantes	20
4.2. Instrumentos	21

4.2.1. Entrevista Semiestruturada e Prontuários.....	21
4.2.2. Prova de Rorschach	22
4.3. Procedimentos	23
5. Resultados.....	25
5.1. Análise Quantitativa dos Índices Avaliados	25
Tabela 1.....	27
Tabela 2.....	29
Tabela 3.....	31
Tabela 4.....	33
5.2. Caracterização Qualitativa dos Casos Selecionados	33
Caso 07	34
Caso 09	35
Caso 12	36
Caso 21	38
5.3. Síntese dos Padrões Observados.....	39
6. Discussão	42
6.1. Funcionamento Psíquico dos Adolescentes.....	42
6.2. Relações Objetais e Construção do Self.....	43
6.3. Hipóteses Clínicas	44
6.4. Implicações Psicossociais e Preventivas	45
6.5. Relação entre Déficits Observados e Prejuízos na Cognição Social	46
7. Conclusão	48
8. Referências	51

1. Introdução

O ser humano é, por natureza, um ser social, cuja existência se constrói nas relações com o outro. Seu desenvolvimento visa à melhoria das condições de vida e à ampliação das possibilidades de convivência em sociedade (Sanfey, 2007).

Adolescentes que cometeram homicídio ou latrocínio apresentam déficits em cognição social, dificuldades emocionais e falhas no funcionamento psíquico, que podem ser detectadas e analisadas por meio da aplicação da prova de Rorschach. Grattagliano et al. (2019) destacam a relevância do Rorschach como instrumento auxiliar na avaliação psicológica de autores de homicídios e afirmam que, quando aplicado de forma adequada, constitui uma ferramenta válida para a compreensão dos fatores psicológicos subjacentes ao comportamento criminoso.

O Rorschach é reconhecido como um instrumento privilegiado de acesso ao funcionamento psicológico do indivíduo. Quando interpretado a partir da teoria das relações de objeto e dos modelos do pensamento, a prova adquire o estatuto de método, permitindo analisar tanto as transformações psíquicas quanto a dinâmica relacional entre o Eu e o Outro. inserido em um referencial psicanalítico, o Rorschach amplia, assim, seu potencial, tornando-se um recurso valioso para investigar as transformações intersubjetivas características desse período do desenvolvimento (Cunha, 2017).

Diante desse cenário, torna-se fundamental investigar o funcionamento psíquico de adolescentes que cometeram atos infracionais graves, a fim de compreender as dinâmicas internas que podem estar relacionadas à manifestação desses comportamentos.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Adolescência e Comportamento Infracional

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em 13 de julho de 1990, constitui o principal instrumento normativo brasileiro sobre os direitos da criança e do adolescente. O ECA define a adolescência como o período compreendido entre os doze e os dezoito anos, caracterizado por intensas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais (Brasil, 1990).

No Brasil, a elevada desigualdade econômica e social tem impactado significativamente o desenvolvimento de crianças e adolescentes, comprometendo sua inclusão social e o acesso a direitos básicos. Diversos estudos apontam que tais desigualdades estão associadas a prejuízos nos relacionamentos interpessoais, à exposição frequente à violência, à vivência de situações de discriminação, à limitação no acesso ao consumo de bens e serviços, bem como à oferta de educação de baixa qualidade (IBGE, 2024; IPEA, 2019; UNICEF, 2021).

O aumento da prática de atos infracionais por crianças e adolescentes não é uma realidade exclusiva do Brasil. Trata-se de um fenômeno presente em diversos países, com diferentes contextos socioeconômicos, que suscita preocupações semelhantes quanto às causas e consequências dessas condutas (Assis & Constantino, 2005).

Uma revisão de Juliana et al. (2024) sobre a experiência psicológica de adolescentes em instituições correcionais observou que esses jovens enfrentam uma série de desafios emocionais e sociais durante o período de detenção. Entre os sentimentos predominantes, destacam-se o tédio, a solidão, a frustração diante de regras rígidas e a percepção de falta de cuidado, embora emoções positivas também possam emergir, especialmente em contextos de interação empática. O estudo aponta ainda para a necessidade de aprimoramento dos serviços de saúde mental, ampliação das oportunidades vocacionais e implementação de programas institucionais que

promovam estratégias adaptativas de enfrentamento, empregabilidade e ambientes mais seguros, a fim de favorecer o desenvolvimento saudável durante a internação.

Outros estudos, como o de Tasdemir et al. (2024), revelam que jovens infratores envolvidos em homicídio ou tentativa de homicídio constituem um grupo heterogêneo, com rebaixado desempenho escolar e profissional, transtornos relacionados ao uso de álcool e drogas, traumas passados e recentes, além de dificuldades de regulação emocional. A automutilação não suicida parece associada a problemas emocionais e à autopunição. A maioria dos jovens não estudava nem trabalhava à época do crime, e muitos apresentavam responsabilidade criminal reduzida ou inexistente.

Jovens infratores expostos à violência familiar apresentam níveis mais elevados de risco e menos proteção contra a reincidência quando comparados àqueles não expostos. A falta de apoio social, nesses casos, aumenta o risco de repetição das condutas, enquanto, para os não expostos, o início precoce da violência constitui o principal fator de risco. Esses achados reforçam a importância de intervenções específicas para cada grupo, a serem implementadas pelos profissionais que trabalham com essa população (Pereda & Ruiz, 2021).

Apesar da gravidade das infrações cometidas, é comum que, ao retornarem ao convívio social, esses adolescentes não recebam acompanhamento adequado em saúde mental. A ausência de cuidados psicológicos continuados, especialmente durante a adolescência, fase crítica para o desenvolvimento da identidade e da regulação emocional, compromete significativamente as chances de ressignificação da experiência e de reintegração social. Heide (2003) enfatiza a importância de intervenções periódicas e específicas após a prática do homicídio, como forma de oferecer tratamento apropriado e prevenir a reincidência.

De acordo com Prop et al. (2025), a juventude é um período de transições para papéis mais maduros, frequentemente associados à diminuição da reincidência criminal. Entretanto, jovens adultos infratores enfrentam dificuldades significativas nesse processo, agravadas por desvantagens sociais e econômicas, o que torna essencial o fortalecimento de vínculos pró-sociais para a reabilitação.

2.2. A Prova de Rorschach como Instrumento de Avaliação da Personalidade

A Prova de Rorschach é um teste projetivo que possibilita acessar a organização básica da estrutura da personalidade, revelando traços afetivos e cognitivos fundamentais do funcionamento psíquico. Segundo Rorschach (1967), esse instrumento permite identificar tendências espontâneas da vida mental com maior precisão do que outras técnicas experimentais, o que explica seu crescente prestígio nas áreas da psicologia e da psiquiatria.

Silveira (1985) ressalta que a principal virtude do teste reside na capacidade de fornecer um padrão integrado da personalidade global, articulando-se posteriormente em aspectos quantitativos e específicos. O foco central da prova não é identificar “o que” o indivíduo vê nas imagens, mas “como” ele as percebe; interpretando o estilo de funcionamento psíquico que permeia seu repertório de experiências internas. A ênfase recai mais sobre os aspectos formais e funcionais da personalidade do que sobre os conteúdos manifestos.

Coelho et al. (2007) apontam que o uso adequado do Rorschach requer hipóteses claras e interpretação baseada em fatores conjugados ou índices validados pela literatura especializada. A análise dos psicogramas deve sempre considerar a constelação particular de elementos presentes no protocolo e confrontar-se com dados de uma população normativa, condição essencial para a compreensão tanto da dinâmica psíquica individual quanto da adaptação do sujeito aos padrões de funcionamento socialmente aceitos.

O teste mostra-se particularmente relevante no contexto forense, por permitir o acesso a aspectos emocionais profundos, nem sempre conscientes ou intencionais. Estudos indicam que variáveis específicas do Rorschach, como a proporção forma-cor em respostas cromáticas, oferecem informações relevantes sobre a impulsividade emocional, traço amplamente associado a comportamentos violentos (De Ruiter, 2021). Meta-análises prévias corroboram essa relação, evidenciando correlação entre respostas cromáticas não dominadas pela forma e níveis elevados de impulsividade emocional, o que reforça a pertinência desses indicadores no contexto da violência (Mihura et al., 2013).

Conforme Aschieri e Pascarella (2021), o teste também permite identificar mudanças significativas em dimensões psicológicas relevantes após a psicoterapia, como melhora na regulação emocional, aumento da capacidade de percepção social da realidade e maior qualidade do pensamento. Estudos de caso mostram transformações progressivas nos conteúdos humanos e movimentos representados na prova. Durante o tratamento, observa-se a transição de movimentos animais, inanimados e agressivos para movimentos humanos e colaborativos, além do surgimento de conteúdos humanos que expressam interações mais favoráveis.

Em seguida apresentam-se os indicadores mais relevantes para a compreensão do perfil psicológico dos jovens autores de crimes violentos.

2.3. Indicadores do Rorschach para Avaliação do Perfil de Ofensores

2.3.1. Cognição Social e Adaptação à Realidade

Segundo Mecca et al. (2017), a Cognição Social (CS), constitui um fator central para o posicionamento adaptativo do indivíduo frente às intenções e comportamentos dos outros, influenciando diretamente a tomada de decisões assertivas no meio em que está inserido. As habilidades que compõem a CS, que evidenciam a interdependência entre cognição e

comportamento social, desenvolvem-se por meio de abordagens investigativas, teóricas e práticas, sendo fundamentais ao desenvolvimento integral do ser humano.

Um estudo conduzido por Denham et al. (2002) com crianças em idade pré-escolar destaca a importância da CS, enfatizando que o primeiro passo para o seu desenvolvimento é a capacidade de perceber os comportamentos emocionais. A partir disso, tornam-se possíveis o aprimoramento de outras habilidades essenciais ao relacionamento interpessoal e, consequentemente, a redução de possíveis conflitos comportamentais.

De acordo com Dias e Onofre (2010), adolescentes em conflito com a lei frequentemente abandonam a escola por desinteresse nos conteúdos oferecidos, conflitos com professores e colegas, sentimentos de discriminação, e pelas limitações da instituição escolar em acolher práticas sociais e culturais condizentes com suas realidades.

Déficits em CS podem ser observados cotidianamente, uma vez que as interações sociais exigem a capacidade de perceber e interpretar adequadamente o comportamento do outro, bem como agir de forma coerente com essas percepções. A adaptação social é fundamental para o desenvolvimento humano, pois, como destaca Adolphs (2009), o ser humano é, essencialmente, um ser social. A existência em sociedade depende da convivência e da interação com o outro, e uma adaptação social limitada pode comprometer significativamente a funcionalidade do indivíduo, gerando prejuízos em diferentes níveis.

Além disso, a análise de respostas envolvendo movimentos humanos e conteúdos agressivos, como AGM (Agitação Movimental) e AgC (Conteúdo Agressivo), permite identificar padrões emocionais de desregulação e impulsividade, frequentemente presentes em indivíduos julgados por crimes violentos. Baixos índices de regulação emocional, como os observados em escores reduzidos de C puro, indicam déficits no controle das respostas emocionais, contribuindo

para maior predisposição a reações impulsivas e agressivas (AGM e AgC). Ressalta-se ainda que determinadas respostas agressivas podem refletir não apenas traços internos, mas também experiências cotidianas violentas, indicando que a impulsividade emocional é tanto um fenômeno intrapsíquico quanto relacional ou social (De Ruiter, 2021). Dessa forma, a avaliação pelo Rorschach possibilita uma compreensão abrangente da dinâmica emocional e cognitiva relacionada à impulsividade e ao comportamento violento, constituindo um recurso valioso na análise psicológica forense.

Liebman et al. (2005) demonstraram que as variáveis de agressão no Rorschach, como AG (Exner, 1993), A1 e A2 (Holt, 1977), e AgC e AgPast (Gacono & Meloy, 1994), apresentam boa confiabilidade em adolescentes julgados e se correlacionam com comportamentos agressivos e violentos. No entanto, a interpretação dessas respostas deva considerar o contexto de violência vivenciado pelos adolescentes. A resposta da AgC pode, em alguns casos, refletir a experiência cotidiana de violência na vida desses jovens, sendo importante reconhecer que a agressão ou a violência podem ser empregadas instrumentalmente para alcançar determinados objetivos, o que torna desaconselhável compreender tais manifestações como fins em si mesmas.

Os estudos descritivos sobre a aplicação do Rorschach em homicidas revelam perfis psicológicos variáveis, abrangendo desde personalidades hipertímicas e impulsivas até personalidades mais frias, sem características específicas no teste, e padrões marcados por constrição emocional e cognitiva. As análises apontam para déficits de mentalização, baixa atividade de fantasia, dificuldades interpessoais e indícios de fragilidade do ego, relacionando ainda variáveis específicas do teste à impulsividade acentuada e a problemas afetivos. Foram observadas diferenças estatisticamente significativas, como a redução na porcentagem de resposta H (Humano) e índices de impulsividade mais elevados, indicando comprometimento nas

relações interpessoais e impulsividade acentuada. Os autores destacam que valores elevados de Lambda sugerem rigidez nos mecanismos de defesa, enquanto baixos escores de M indicam déficits de mentalização em homicidas, reforçando a compreensão dos desafios emocionais e cognitivos enfrentados por essa população (Zizolfi et al., 2023).

De acordo com Jimura et al. (2021), a variável Movimento Humano (M) é um dos principais determinantes interpretativos no Rorschach, frequentemente discutido nos campos da cognição social, empatia e mentalização. Achados de neuroimagem corroboram a associação entre determinadas respostas do teste e regiões cerebrais específicas, indicando uma possível base neurobiológica para as variáveis cromáticas e de movimento. Os autores observaram que participantes com elevação de C puro e CF apresentaram maior atividade nas regiões dorsal e ventral do córtex pré-frontal medial, demonstrando uma dissociação funcional e neuroanatômica entre variáveis cromáticas e as áreas cerebrais correspondentes.

As respostas de movimento humano no Rorschach (M, FM e m) refletem a capacidade empática e aumentam a probabilidade de o indivíduo interpretar e responder adequadamente a situações sociais. Em contrapartida, respostas humanas perceptualmente distorcidas (M-) indicam empatia deficiente e tendência a julgamentos inadequados sobre as atitudes e intenções dos outros, bem como interpretações errôneas das situações sociais. Jovens infratores violentos tendem a apresentar menor frequência de respostas M, maior proporção de M fraco e valores elevados de FM e m, o que sugere déficits na imaginação, no planejamento, na empatia e na flexibilidade cognitiva. A relação entre a vivacidade das imagens mentais e as respostas de movimento humano também foi observada, com implicações relevantes para a compreensão do fenótipo psicológico desses jovens (Auvinen-Lintunen et al., 2015).

Segundo Cinti et al. (2016), o Rorschach constitui um instrumento eficaz para identificar a desregulação emocional como uma manifestação de déficit metarrepresentativo em pacientes, demonstrando que essa desregulação está associada à impulsividade e aos comportamentos agressivos. O estudo indica que a afetividade explosiva e a baixa capacidade metarrepresentativa podem derivar de contextos relacionais precários, contribuindo para o desenvolvimento de condutas psicopáticas. Conclui-se que pacientes com transtorno de personalidade borderline e traços psicopáticos apresentam impulsividade acentuada e déficits de mentalização, fatores que aumentam o risco de comportamentos agressivos. Assim, o uso do Rorschach mostra-se relevante tanto para a avaliação clínica quanto para o planejamento de intervenções terapêuticas nesses casos.

O teste de Rorschach também possui ampla aplicabilidade clínica na avaliação das funções cognitivas, incluindo habilidades visoespaciais, capacidade de resolução de problemas, processamento de informações e aspectos comunicacionais. O instrumento permite ainda aferir o nível de controle afetivo por meio de variáveis como da Ressonância Íntima Extratensiva (TRI), o uso de respostas cromáticas e a ausência de respostas de movimento (M). Esses indicadores mostram-se úteis na identificação de déficits cognitivos em contextos médicos e psicológicos. Os resultados reforçam o entendimento do Rorschach como um teste multidimensional fundamentado em tarefas que envolvem resolução de problemas comportamentais, sendo capaz de oferecer informações relevantes sobre o desempenho cognitivo, a motivação, a percepção e as funções visoespaciais do sujeito (Mento et al., 2020).

Aníbal Silveira propôs a sistematização do índice Rmi com o propósito de situar o indivíduo em relação à média da população adulta quanto ao funcionamento mental.

Denominado “Relação para com a Média Intelectual” (Rmi), esse índice valoriza aspectos que expressam a qualidade da interação entre o sujeito e a realidade (Coelho & Falcão, 2006).

Neste estudo, o Rorschach foi utilizado com foco na avaliação do índice de adaptação à realidade (Rmi), que permite compreender como o indivíduo aceita os limites impostos pelo meio externo e quais recursos cognitivos, afetivos e comportamentais emprega para essa adaptação. A escolha desse índice dentre os diversos propostos na prova fundamenta-se na sua pertinência para a análise de adolescentes em conflito com a lei, especialmente diante da necessidade de investigar estratégias de reintegração social e de redução da reincidência criminal.

Coelho et al. (2007), a avaliação da adaptação à realidade baseia-se em três fatores principais:

- %F+: capacidade de lidar com a realidade objetiva, envolvendo clareza de julgamento, atenção e coerência perceptiva;
- %A: contato emocional do indivíduo com a realidade externa, representando sua aptidão para vivenciar e expressar afetos de maneira contextualizada;
- %V: assimilação e integração das normas e padrões sociais estabelecidos pela coletividade.

A escolha do Rmi como eixo de análise visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada do funcionamento psíquico desses adolescentes, especialmente quanto à sua capacidade de adaptação às exigências sociais, emocionais e comportamentais inerentes à convivência em sociedade. O aumento na taxa de envolvimento de jovens em crimes violentos, como homicídio e latrocínio, torna premente a realização de estudos que subsidiem intervenções mais eficazes no campo da psicologia clínica e forense.

2.3.2. A Adaptação à Realidade (Rmi)

A adaptação à realidade diz respeito à forma como o indivíduo responde às exigências, limites e solicitações do meio externo de maneira funcional e compatível com os padrões socialmente aceitos. É importante distinguir esse conceito da noção de realidade: um sujeito pode ter plena consciência da realidade em que vive, mas não aceitá-la ou não considerar seus parâmetros na tomada de decisões (Coelho & Falcão, 2006).

Segundo Coelho et al. (2007), o simples fato de o indivíduo demonstrar atenção às informações sensoriais ou cognitivas do ambiente não implica, necessariamente, uma integração funcional a esse contexto. A adaptação à realidade constitui um processo contínuo, que envolve não apenas percepção, mas também aceitação e transformação das experiências externas em comportamentos coerentes.

Por meio do Rmi, avalia-se o grau de adaptação do examinado, sendo imprescindível analisar como e em que medida essa adaptação tem ocorrido, compreendendo de que modo os aspectos afetivos, conativos e intelectuais participam de sua integração com o meio. Dessa forma, são analisados os índices que o compõem.

A fórmula de obtenção é a seguinte:

$$RMI = \frac{\%F^+ + \%A + \%V}{3}$$

3

2.3.2.1. Esfera Conativa – Julgamento de Realidade (%F+). A esfera conativa, do latim *conatus* (“esforço, tentativa”), refere-se ao conjunto de funções que precedem o comportamento explícito, evidenciando o direcionamento da atividade mental em função de uma meta. Essa esfera envolve três funções essenciais:

- Iniciativa: impulsiona a ação, estimulando a percepção e o raciocínio;

- Manutenção: garante a estabilidade, sustentando a atenção e a continuidade do pensamento;
- Inibição: regula os impulsos, promovendo reações socialmente adequadas.

Quando há equilíbrio entre essas funções, considera-se que o indivíduo demonstra adequado ajuste de caráter. No entanto, a predominância de uma função sobre as demais pode sugerir distúrbios no caráter (Silveira, 1985).

De acordo com Coelho et al. (2007), a atenção adequada aos estímulos externos permite maior controle sobre o processo perceptivo e sobre o julgamento da realidade, favorecendo decisões mais objetivas e imparciais. Nessa dinâmica, os julgamentos de valor e os impulsos afetivos são mediados pela capacidade de coordenação conativa.

Na Prova de Rorschach, o estudo da esfera conativa é aferido por meio da análise minuciosa das Respostas de Forma (RF), classificadas como F+, F- e F°. O índice %F+ indica o grau de objetividade no contato com a realidade, ou seja, revela o quanto o indivíduo consegue observar e interpretar o mundo externo sem distorções afetivas, estabelecendo uma relação impessoal, porém funcional, com o meio (Coelho et al., n.d).

Os determinantes pertencentes à configuração formal das manchas, os contornos, podem ser classificados como F⁺, F⁻ ou F[°] de acordo com a precisão da imagem elaborada e com a frequência estatística da resposta na população de referência, conforme os parâmetros estabelecidos no Manual de Qualidade Formal (Coelho et al., 2007).

A qualidade formal no Rorschach refere-se à adequação do percepto à forma da mancha, indicando o processamento consciente e racional dos estímulos. Respostas predominantemente de forma (RF) sugerem integração ao ambiente e adaptação social. A classificação segue os critérios de frequência F+ (bem-vista), F- (malvistas), e a proporção entre elas indica o grau de

adaptação do indivíduo. Quando uma resposta não corresponde a padrões comuns, compara-se sua *gestalt* a outras semelhantes; se não houver correspondência, atribui-se F°, interpretada conforme a tendência geral do protocolo, reconhecendo a singularidade perceptiva do indivíduo.

2.3.2.2. Esfera Afetiva – Ligação Emocional com o Ambiente (%A). A esfera afetiva constitui o núcleo subjetivo da personalidade, integrando sentimentos e instintos que impulsionam o indivíduo à satisfação de suas necessidades, à sobrevivência e à construção de vínculos sociais (Silveira, 1985).

A ligação afetiva com o ambiente não se expressa apenas por meio de sensações ou sentimentos diretos, mas pelo envolvimento emocional que influencia os processos cognitivos e comportamentais (Coelho et al., 2007). Segundo Coelho et al. (n.d), os sentimentos modulam a sociabilidade, sendo fundamentais para a formulação da autoimagem, das representações do outro e da atuação do sujeito como ser social.

Na Prova de Rorschach, a ligação emocional com a realidade objetiva é representada pelo conteúdo animal (A), uma das categorias mais frequentes em protocolos infantis e ainda significativa em adultos. As respostas com conteúdo animal projetam identificações primárias e vínculos afetivos, sendo o índice %A indicativo da espontaneidade dessa ligação emocional com o meio (Coelho et al., 2007).

2.3.2.2.1. Índices de Afetividade, Impulsividade e Respostas de Cor. A esfera afetiva abrange também os índices de Afetividade (Af), Impulsividade (Imp) e as Respostas de Cor (RC).

As respostas de cor devem ser interpretadas considerando a expressão amadurecida dos afetos e da vida interior do indivíduo. Elas refletem as manifestações externas das reações emocionais e são categorizadas em três tipos:

- FC: indica maturidade emocional, com expressão afetiva equilibrada e consideração pelo outro;
- CF: denota afetividade individualista, com menor mediação pelas normas sociais;
- C: revela reações instintivas e impulsivas, pouco controladas e socializadas.

O índice Af fornece uma informação primordialmente quantitativa, pois expressa o grau de reatividade do indivíduo diante de situações afetivas, evidenciando sua sensibilidade emocional. Essa sensibilidade abrange tanto os sentimentos socialmente elaborados quanto os impulsos afetivos primários, essenciais à sobrevivência.

Segundo Silveira, o índice Imp reflete a dinâmica das forças subjetivas e a estabilidade derivada da estrutura de personalidade. Assim, tanto o valor do Imp quanto a análise qualitativa das respostas dadas pelo examinando às pranchas permitem identificar a intensidade dos impulsos primários latentes envolvidos em seu comportamento afetivo (Coelho et al., 2006).

2.3.2.3. Esfera Cognitiva ou Intelectual – Assimilação Lógica dos Valores Sociais (%V). A esfera cognitiva ou intelectual abrange as funções psíquicas relacionadas à observação, à organização lógica e à compreensão dos fatos externos, compondo o trabalho mental necessário para atender às exigências da realidade (Silveira, 1985).

A adaptação intelectual à realidade não decorre apenas da apreciação dos eventos externos e da assimilação dos valores do ambiente, mas fundamentalmente da capacidade humana de reelaborar, de modo original e criador, os dados coligidos e de comunicar o resultado das concepções e o estado subjetivo aos semelhantes. (Coelho, 1980, p. 72)

A capacidade de reconhecer e assimilar normas, valores e convenções sociais é essencial ao convívio coletivo e reflete diretamente o nível de maturidade intelectual. O índice %V no Rorschach indica o grau de adaptação cognitiva do indivíduo ao universo social, expressando seu

alinhamento com padrões perceptivos e de pensamento considerados convencionais pela sociedade (Coelho et al., 2007).

As respostas vulgares (V) são as mais frequentemente encontradas na população de referência. Elas refletem a adesão a formas padronizadas de percepção e interpretação da realidade, indicando assimilação das normas sociais, senso comum e adequação ao pensamento coletivo. Assim, o índice %V torna-se um marcador do nível de adaptação intelectual aos valores predominantes do grupo social.

De acordo com Coelho et al. (n.d), o funcionamento cognitivo se estrutura a partir de três funções interdependentes:

- Observação: concreta (raciocínio indutivo) e abstrata (raciocínio dedutivo);
- Elaboração: generalização e sistematização dos dados;
- Comunicação: expressa por meios mímicos, gráficos ou simbólicos.

Essas funções são fundamentais para a adaptação à realidade e estão representadas no Rorschach pelo estudo detalhado das Respostas de Movimento (RM) e Respostas de Perspectiva (RPs).

2.3.3. Respostas de Movimento (RM)

Indicativas da capacidade elaborativa e do potencial intelectual do indivíduo para resolver situações, as RM se dividem em:

- M (movimento humano): expressa o uso das funções intelectuais voltadas ao mundo interno, relacionadas à identidade, empatia, criatividade e pensamento simbólico;
- m (movimento animal): indica a presença de fantasias infantis que interferem na percepção e no agir;

- m' (movimento subjetivo): associa-se à inteligência criativa e original, especialmente quando ocorre em protocolos com elevado nível de elaboração cognitiva.

Essas respostas também sugerem o grau de investimento emocional nas construções mentais, sendo que valores afetivos, conflitos e necessidades inconscientes podem impregnar o conteúdo das RM.

Segundo Coelho et al. (2007), quando o movimento é projetado em formas bem-vistas (F+), corresponde à elaboração racional peculiar ao indivíduo, traduzindo tendências conscientes de autoafirmação e aspirações. Indica a capacidade de integrar impulsos e fantasias aos sistemas de valores conscientes e objetivos. Quando associado a formas malvistas (F-), sugere o uso da imaginação para distorcer a realidade, e não para adaptar-se a ela, podendo indicar distorções graves no plano das fantasias irracionais que afastam o indivíduo do ambiente externo e não são elaboradas conscientemente.

Distinguem-se dois tipos principais de movimento, que expressam a natureza das fantasias e das concepções imediatas relacionadas à forma como o indivíduo conceber a realidade:

- Extensor: busca de afirmação e expansão do corpo no espaço;
- Flexor: busca de proteção e retraimento do corpo no espaço (Coelho et al., 2007).

Ainda segundo Coelho, et al. (2007), os graus de energia de movimento são:

- Grau 1 (movimento agressivo): disposição ao comportamento agressivo, com consciência da própria agressividade e busca de autoafirmação por meio dela;
- Grau 2 (movimento global do corpo): representa maior autonomia e aceitação dos próprios valores;

- Grau 3 (movimento parcial do corpo): indica disposição para controlar as próprias intenções.

2.3.4. Respostas de Perspectiva (RPs)

As respostas de perspectiva fornecem indicadores sobre a capacidade do indivíduo de se posicionar em relação ao meio (Coelho et al., 2007):

- Ps: demonstra postura crítica e objetiva diante dos papéis sociais, com disposição para assimilar diferentes pontos de vista;
- ps: reflete insegurança e dificuldades de compreensão da realidade, com prejuízo da clareza cognitiva;
- ps': revela elevada subjetividade e tendência à ansiedade difusa, dificultando a integração social.

Desse modo, o índice %V, aliado à análise qualitativa das RM e RPs, permite avaliar de forma abrangente o nível de maturidade intelectual, o grau de identificação com valores coletivos e a capacidade de reelaborar cognitivamente a realidade, elementos essenciais à reinserção social de adolescentes em conflito com a lei.

2.3.5. A Importância das Respostas de Conteúdo Humano (H)

Chabert (2004) afirma que Hermann Rorschach estabeleceu três critérios de cotação para cada resposta: a localização (parte da prancha a que se refere), o determinante (aspecto que desencadeia a resposta: forma, movimento, perspectiva, cor cromática ou acromática), e o conteúdo (imagens evocadas: humanos, animais, objetos, entre outros).

O conteúdo humano (H) exprime o grau de interesse do indivíduo pelos relacionamentos interpessoais, bem como sua capacidade de observar e compreender o comportamento das pessoas e de demonstrar interesse pelos outros.

Segundo Chabert (2004), as respostas humanas dividem-se em três tipos:

- H (ser humano inteiro): indica a capacidade de identificação com a imagem humana, denotando sentimento de pertencimento;
- pH (parte do corpo humano externo): expressa superinvestimento em uma parte do corpo que funciona como porta-voz de uma representação recalcada, coexistindo com uma imagem corporal unificada;
- H (figuras místicas ou irreais): traduzem vida imaginária rica e fantasiosa.

Para Adrados (1991), são classificadas como respostas humanas todas as percepções referentes a pessoas, em movimento, paradas ou deitadas. O interesse por si mesmo e pelos outros seres humanos é determinado pela percentagem de respostas H, que deve situar-se em torno de 20%. Essas respostas devem corresponder a figuras humanas normais, envolvidas em atividades também normais. Figuras disformes, mutiladas, caricatas, em luta ou feridas não indicam necessariamente interesse humano ou social, devendo ser interpretadas simbolicamente em articulação com os demais dados do protocolo. Quanto mais distante o indivíduo se encontra da realidade imediata, menor tende a ser a percentagem de respostas H.

2.3.6. Noção do self (si mesmo)

Para Coelho et al. (2007), as concepções, papéis e valores centrais que orientam o estilo pessoal do indivíduo, e que o levam a experimentar as situações interpessoais, o grau de criatividade e de objetividade que expressam seu modo de perceber e julgar a si mesmo, bem como a intensidade com que sua autoafirmação no ambiente intervém na dinâmica atual de sua personalidade, podem ser estudados no Rorschach por meio da análise das respostas de movimento (RM) e das características específicas das figuras humanas (H e pH) percebidas de

modo dinâmico, como atribuição de sentimentos, conflitos ou intenções, mesmo nas respostas que não acompanham a projeção de movimentos.

Ainda segundo Coelho et al. (2007), os níveis cognitivos de expressão da noção de si mesmo (Self) são representados pela expressão amadurecida de autoafirmação no ambiente: $M > 2$, sendo $M > m > m'$ ou $M > m + m'$. Esses níveis são avaliados pelo grau de integração e de motivação na expressão da autonomia refletida, com o tipo de movimento humano em confronto com os movimentos animais, extensor e flexor; pelo grau de adaptação social das concepções pessoais, sendo a qualidade formal positiva, negativa ou vulgar; e pelo grau de energia investida na autorrealização no ambiente (M), em confronto com a intensidade na intervenção das fantasias infantis (m).

3. Objetivo

O objetivo principal desse trabalho é investigar a adaptação à realidade e a adequação social em adolescentes que cometeram delitos graves. Busca-se avaliar o grau de adaptação à realidade por meio do índice Rmi; analisar a capacidade de julgamento objetivo e de internalização de normas sociais (%F+ e %V); investigar a qualidade dos vínculos emocionais com o ambiente externo (%A); e explorar indicadores de estabilidade afetiva e de controle impulsivo (Af e Imp), vivenciados por adolescentes brasileiros que praticaram atos infracionais graves, examinando os impactos de suas escolhas no desenvolvimento de estratégias de adequação à vida social.

A pesquisa utiliza a Prova de Rorschach como instrumento de avaliação psicológica, com foco no índice de adaptação às exigências do mundo externo (Rmi), o qual permite inferir o grau de contato com a realidade e a capacidade de agir de forma ajustada diante das demandas do meio social. A compreensão dos fatores que influenciam a adaptação psicossocial desses

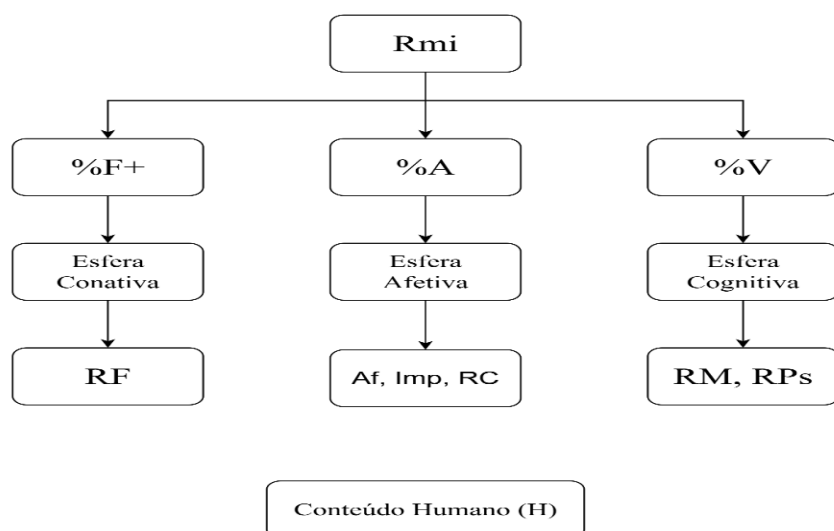
adolescentes contribui para o direcionamento de intervenções mais adequadas às suas necessidades, auxiliando na redução da reincidência e promovendo sua reinserção social.

Para que esse processo adaptativo ocorra de maneira satisfatória, é necessário que o indivíduo seja capaz de julgar os acontecimentos de forma objetiva, possuir recursos cognitivos que favoreçam a identificação com normas e condutas socialmente aceitas e estabelecer vínculos emocionais saudáveis com o ambiente externo (Chammas et al., 2018).

Com base em estudos anteriores, foram selecionados alguns índices para a interpretação do perfil dos adolescentes, conforme indicado na Figura 1.

Figura 1

Esquema dos índices que serão utilizados para explicar este trabalho



Nota. Esquema dos índices estudados na Prova do Rorschach

4. Método

4.1. Participantes

A amostra foi composta por 24 adolescentes em conflito com a lei, todos institucionalizados e cumprindo medida socioeducativa por envolvimento em atos infracionais graves, especificamente homicídio ou latrocínio (roubo seguido de morte). Dentre os

participantes, 22 eram do sexo masculino (91.66%) e dois do sexo feminino (8.33%). As idades variaram entre 14 e 20 anos, com média de 17.35 anos ($M= 17.35$, $DP= 1.2$). Foram incluídos adolescentes institucionalizados por homicídio ou latrocínio, independentemente da idade, e excluídos aqueles com outros tipos de delitos, como tentativa de homicídio, roubo, tráfico, estupro, entre outros.

Todos os adolescentes apresentavam escolaridade incompleta, em decorrência de múltiplos fatores, tais como abandono escolar, dificuldades de aprendizagem, expulsões e conflitos com colegas ou professores. Muitos interromperam os estudos devido ao envolvimento com atos infracionais e alguns relataram ter aprendido a ler ou retomaram o hábito de estudar apenas durante o cumprimento da medida socioeducativa, afirmando que, dentro da unidade, “tinham tempo” para se dedicar aos estudos, ao contrário do período em que estavam em liberdade e envolvidos com atividades ilícitas.

Os adolescentes estavam matriculados no ensino fundamental (do 5º ao 9º ano) em 66.67% dos casos e no ensino médio (1º e 2º anos) em 33.33%.

A maioria iniciou sua “trajetória infracional” com delitos menos graves. Contudo, pela ausência de detenção inicial, houve progressão para infrações mais severas. Relataram detalhadamente os crimes cometidos, e muitos pertenciam a famílias desestruturadas, com histórico de separações, irmãos de diferentes pais e envolvimento familiar prévio com o crime.

4.2. Instrumentos

4.2.1. Entrevista Semiestruturada e Prontuários

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada para a coleta de dados, abrangendo informações sociodemográficas, histórico escolar e profissional, condições de saúde física e mental, uso de substâncias psicoativas, relações familiares, histórico de institucionalização

(incluindo número de passagens e comportamento nas unidades), tipo de arma utilizada no ato infracional e consciência crítica em relação ao delito cometido.

Adicionalmente, foram consultados os prontuários individuais dos adolescentes, registrados durante o cumprimento da medida socioeducativa. Esses documentos forneceram subsídios importantes para confirmar ou complementar as informações obtidas nas entrevistas, garantindo maior confiabilidade à análise dos dados.

4.2.2. Prova de Rorschach

O teste é composto por dez pranchas com manchas de tinta, sendo cinco acromáticas (preto, branco e cinza), e cinco cromáticas (duas com vermelho, preto e cinza; três coloridas em tons pasteis). As pranchas estimulam reações projetivas variadas, permitindo observar tanto os mecanismos emocionais ativados quanto a forma como o indivíduo reage diante de situações neutras e/ou socialmente exigentes. A aplicação ocorre de forma individual, podendo o teste ser utilizado com sujeitos de qualquer nível socioeconômico, escolaridade ou contexto cultural, pois avalia traços de personalidade em vez de habilidades cognitivas específicas (Coelho et al., 2007).

A aplicação da Prova de Rorschach seguiu os procedimentos clássicos do Sistema de Aníbal Silveira e foi conduzida em duas fases distintas: a fase de associação e a fase de inquérito. Na fase de associação, o participante é convidado a expressar livremente o que vê nas pranchas apresentadas, sem interrupções ou direcionamentos por parte do examinador. Essa etapa visa captar respostas espontâneas, reveladoras do funcionamento psíquico do indivíduo frente a estímulos ambíguos.

Concluída essa etapa, inicia-se a fase de inquérito, na qual todas as pranchas são reapresentadas ao participante. Nessa fase, são feitas perguntas específicas com o objetivo de esclarecer os elementos perceptivos e cognitivos envolvidos em cada resposta previamente dada.

Esse processo permite ao examinador compreender a lógica de construção da percepção e os mecanismos projetivos implicados em cada associação.

Após a codificação das respostas, os dados foram organizados em uma ficha de cálculo padronizada, possibilitando a extração dos índices necessários à análise estatística. A aplicação e a interpretação da prova foram realizadas de acordo com o sistema proposto por Aníbal Silveira. Entretanto, para que o exame seja rigoroso e fidedigno, é necessário confrontar os resultados com os obtidos em uma população padrão de referência. Desse modo, torna-se possível realizar dois tipos complementares de análise: a análise da dinâmica psíquica peculiar ao indivíduo e a análise do modo como esse indivíduo se integra aos padrões de pensamento e conduta que norteiam a adaptação dos seres humanos à realidade (Coelho et al., 2007).

Para os fins desta investigação, ainda que o exame completo da prova envolva múltiplos índices, optou-se por analisar especificamente o índice de adaptação às exigências do mundo externo (Rmi). O foco recai sobre a compreensão de como adolescentes em conflito com a lei estruturam seu pensamento, lidam com as demandas sociais e respondem às exigências do meio, contribuindo para a reflexão sobre estratégias de reintegração social após o cumprimento de medidas socioeducativas.

4.3. Procedimentos

Este estudo foi realizado na Sociedade Rorschach de São Paulo (SRSP), uma clínica-escola especializada para a qual adolescentes são encaminhados por determinação judicial a fim de se submeterem à avaliação com a Prova de Rorschach. A aplicação do teste ocorre no período final do cumprimento da medida socioeducativa (três anos), e a autorização para análise dos protocolos é concedida pelo Departamento da Infância e Juventude do Estado e pelo Comitê de

Ética da SRSP, integrando o núcleo jurídico do Laboratório de Pesquisas e Avaliação Psicológica (LAPAP).

Foram selecionados 24 casos de adolescentes institucionalizados, de ambos os sexos, autores de atos infracionais graves, como homicídios e latrocínio, frequentemente cometidos com requintes de crueldade. Os dados foram coletados entre 2013 e 2016, por meio de entrevista semiestruturada e aplicação individual da Prova de Rorschach, em sessão única, com duração média de quatro horas, em ambiente apropriado à avaliação psicológica.

Os adolescentes não eram previamente informados sobre o dia em que participariam da avaliação psicológica; contudo, sua realização era obrigatória por determinação judicial. O comparecimento à SRSP ocorria sempre acompanhado por agentes da instituição e policiais do Estado. Apesar da expectativa inicial de que o desempenho no teste pudesse determinar a liberação, após o esclarecimento da finalidade da avaliação e o estabelecimento de rapport, a maioria dos participantes demonstrou envolvimento colaborativo e postura respeitosa durante o processo.

A análise dos protocolos seguiu o Sistema de Aníbal Silveira (Coelho et al., 2007), com foco específico no índice de Relação para com a média intelectual (Rmi), a fim de compreender como esses adolescentes percebem e respondem às exigências do meio social. A interpretação considerou três esferas centrais:

- Esfera Conativa (%F+): avalia o julgamento objetivo da realidade, a atenção aos estímulos externos e a capacidade de inibir impulsos inadequados, refletindo o controle da conduta diante das normas;

- Esfera Afetiva (%A): revela o grau de ligação emocional com o ambiente social, por meio do conteúdo simbólico das respostas (animais), evidenciando o nível de interesse e investimento nas relações interpessoais;
- Esfera Cognitiva (%V): expressa a assimilação lógica dos valores sociais, por meio das respostas vulgares, demonstrando o grau de internalização das normas e padrões culturais compartilhados.

A escolha desses três índices justifica-se pela relevância em compreender as condições psíquicas que interferem na reintegração social desses adolescentes, especialmente diante da elevada reincidência de comportamentos infratores. A análise desses indicadores permite avaliar de forma integrada o julgamento da realidade, a ligação afetiva e a assimilação dos valores coletivos, subsidiando propostas de intervenção mais eficazes, voltadas à reconstrução de vínculos sociais e à prevenção da reincidência.

5. Resultados

5.1. Análise Quantitativa dos Índices Avaliados

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos adolescentes segundo o índice Rmi e seus componentes principais (%F+, %A, %V). Observa-se que 54.16% dos participantes, de modo geral, apresentam prejuízo em aceitação do meio e de suas implicações, o que interfere na adaptação ao ambiente externo (Rmi↓); 70.83% demonstram dificuldades cognitivas em sustentar a atenção e a concentração, afetando o julgamento crítico da realidade, em alguns casos, com visão pessoal, subjetiva e distorcida dos fatos (%F+↓); e 66.66% apresentam prejuízo na identificação com normas e valores convencionais adotados pela coletividade, havendo casos em que tais normas não são reconhecidas nem internalizadas (%V↓ e %V= 0).

Em situações que exigem iniciativa e tomada de decisão (Mono) ou quando seus afetos são diretamente mobilizados (Color), é fundamental analisar sua adaptação ao meio. Mesmo quando o índice se encontra na média, pode haver comprometimento parcial, geralmente às custas de algum outro indicador desadaptado, interferindo no ajustamento social ($R_{mi} \leftrightarrow$).

De modo geral, 50% dos casos analisados evidenciam tensão emocional na ligação com o ambiente externo, envolvendo-se de modo intenso e afetivo com as circunstâncias e buscando excessivamente o que lhe é familiar, como forma de segurança, com apego a fantasias infantis ($\%A \uparrow$). Em 12.50% dos adolescentes, quando há envolvimento afetivo, observa-se uma forte cobrança de autocontrole, interferindo na espontaneidade e imaginação, e chegando a níveis de elevada rigidez mental ($\%F \uparrow$, até 100%).

Tabela 1*Distribuição do Índice Rmi e Seus Componentes Principais*

	Total				Mono				Color			
	Rmi	%F+	%A	%V	Rmi	%F+	%A	%V	Rmi	%F+	%A	%V
1	41.99	84.61	31.03	10.34	43.33	80	41.66	8.33	45.09	100	23.52	11.76
2	42.56	70	50	769	46.43	77.77	53.84	7.69	39.15	63.63	46.15	7.69
3	44.61	68	53.65	12.19	51.95	76.92	63.15	15.78	37.62	58.33	45.45	9.09
4	41.82	69.23	43.75	12.50	51.84	88.88	44.44	22.22	22.61	25	42.85	00
5	34.10	44.44	47.36	10.52	35.13	46.15	48.14	11.11	33.17	42.85	46.66	10
6	44.58	72.22	50	11.53	63.63	100	63.63	27.27	22.85	28.57	40	00
7	41.25	88.23	26.66	8.88	40.05	83.33	26.31	10.52	44.87	100	26.92	7.69
8	52.76	76.47	54.54	27.27	64.54	71.42	77.77	44.44	44.61	80	38.46	15.38
9	39.68	70.58	36.36	12.12	38.88	77.77	33.33	5.55	40.83	62.50	40	20
10	48.41	81.25	44	20	59.25	77.77	66.66	33.33	43.15	85.71	31.25	12.50
11	54.93	72.22	74.07	18.51	57.22	80	91.66	00	51.94	62.50	60	33.33
12	39.91	70.58	39.34	9.83	38.70	73.68	33.33	9.09	41.26	66.66	46.42	10.71
13	48.75	76	54.05	16.21	51.58	83.33	57.14	14.28	46.26	69.23	52.17	17.39
14	40.86	82.60	34.54	5.45	47.45	90	42.85	9.52	36.42	76.92	29.41	2.94
15	43.24	78.57	41.86	9.30	59.31	84.61	73.33	20	33.96	73.33	25	3.57
16	47.52	75	45.94	21.62	53.58	81.81	52.63	26.31	40.73	66.66	38.88	16.66
17	51.03	69.23	64.51	19.35	51.62	61.53	73.33	20	50.64	76.92	56.25	18.75
18	38.18	60	48.48	6.06	41.20	63.63	46.66	13.33	35.18	55.55	50	00
19	39.73	72	38.88	8.33	49.34	90.90	57.14	00	32.68	57.14	27.27	13.63
20	33.64	56.36	38.04	6.52	34.92	56	41.46	7.31	32.61	56.66	35.29	5.88
21	42.51	68.18	50	9.37	36.29	55.55	46.66	6.66	47.20	76.92	52.94	11.76
22	50.44	73.91	61.29	16.12	57.13	92.85	57.14	21.42	40.30	44.44	64.70	11.76
23	43.10	81.81	37.50	10	41.82	66.66	52.94	5.88	46.37	100	26.08	13.04
24	53.23	78.94	50	30.76	61.10	83.33	61.53	38.46	44.31	71.42	38.46	23.07

Nota. Rmi = Processo de adaptação à realidade. %F+ = Capacidade de lidar com a realidade objetiva. %A = Contato emocional com a realidade externa. %V = Assimilação das normas sociais.

Faixa Normal de Variação dos Índices:

%Rmi

Protocolo Total: 44% - 52% ($M= 48$; $DP= 4$)

Conjunto Monocromático: 44.50% - 58.50% ($M= 51.50$; $DP= 7$)

Conjunto Cromático: 39.50% - 50.50% ($M= 45$; $DP= 5.50$)

%F+

Protocolo Total: 78% - 90% ($M= 84$; $DP=6$)

Conjunto Monocromático: 79.50% - 93.50% ($M= 86.50$; $DP= 7$)

Conjunto Cromático: 75% - 92% ($M= 82$; $DP= 10$)

%A

Protocolo Total: 28% - 46% ($M= 37$; $DP= 9$)

Conjunto Monocromático: 30% - 55% ($M= 42.50$; $DP= 12$)

Conjunto Cromático: 22% - 44% ($M= 33$; $DP= 11$)

%V

Protocolo Total: 16% - 28% ($M= 22$; $DP= 6$)

Conjunto Monocromático: 16% - 36% ($M= 26$; $DP= 10$)

Conjunto Cromático: 13% - 29% ($M= 21$; $DP= 8$)

Na Tabela 2, referente à distribuição dos índices do Rorschach, observa-se que, quanto à afetividade, 33.33% dos adolescentes demonstram reduzida sensibilidade aos estímulos afetivos, com dificuldade em reagir às solicitações do ambiente, por indiferença ou insensibilidade afetiva (Af↓). Já quanto à impulsividade, 37.50% dos examinados apresentam maior suscetibilidade a estímulos afetivos primários, indicando elevado nível de impulsividade (Imp↑).

Ainda conforme a Tabela 2, no determinante RC, observa-se predominância de condutas afetivas autocentradas, impetuosas e instáveis, com rebaixada dependência em relação ao mundo real (CF= 87.50%). Nota-se também a liberação da carga afetiva de modo excessivamente individualista e impulsivo, sem consideração com o outro ou o meio, e com dificuldade de integrar afetos às exigências da realidade (C= 37.50%). O esperado seria $FC > CF + C$, porém verificou-se $75\% < 87.50\% + 37.50\%$.

Tabela 2

Distribuição dos Índices de Af e Imp, e o Determinante de Resposta de cor

Participante	Af	Imp	FC	CF	C
1	1.41	0.41	3	3	3
2	1	2.25	0	0	(1)
3	1.15	0.69	2	4	0
4	0.77	0.4	2	0	0
5	1.11	0.76	0	2	0
6	1.36	0.66	3	1	0
7	1.36	0.62	3	7(1)	1
8	1.44	1.6	0	2	(1)
9	0.83	1.14	2	2	(1)
10	1.77	0.33	1	2	0
11	1.25	0.87	5	0	0
12	0.84	0.55	2	3	1
13	1.64	0.76	4(1)	2(1)	1
14	1.61	0.3	8(1)	3(3)	0
15	1.86	0.47	3	6(1)	1
16	0.94	1.25	3	2	0
17	1.06	0.45	0	2	0
18	1.2	0.5	1	5(1)	0
19	1.57	0.37	0	2	0
20	1.24	0.64	5(1)	4(2)	0
21	1.13	1.12	0	1	0
22	1.21	0.7	4	2	0
23	1.35	0.53	3(2)	2(2)	0
24	1	0.85	1	(1)	(1)

Nota. Af= Índice que expressa a suscetibilidade aos estímulos afetivos. Imp= Índice de Impulsividade. FC= Figura percebida pelo contorno, incluindo a cor como elemento integrado. CF= Resposta determinada predominantemente pela cor, sem desprezar a forma. C= Resposta determinada exclusivamente pela cor da mancha.

As respostas adicionais (entre parênteses) são interpretadas dentro do contexto global do protocolo, complementando a análise das respostas principais e contribuindo para uma compreensão mais abrangente da personalidade e do funcionamento mental do indivíduo.

Faixa Normal de Variação dos Índices:

%Af: 1.12 – 1.84 ($M= 1.48$; $DP= 0.36$)

%Imp: 0.32 – 0.70 ($M= 0.51$; $DP= 0.19$)

A Tabela 3 apresenta a distribuição referente aos determinantes de movimento, indicando que 91.66% dos adolescentes evidenciam imaturidade psicológica, uma vez que suas atitudes encontram-se comprometidas por fantasias infantis, o que interfere em seu comportamento (m). Além disso, 12.50% demonstram resistência em aceitar determinadas características pessoais, projetando-as nos outros (respostas de pessoas como “gnomo”, “boneca” e “demônio”). Já 8.33%, apresentaram respostas de movimento humano projetadas em animais, o que revela julgamentos irracionais que prejudicam a comunicação interpessoal e indica que a imaginação se desenvolve como forma de fuga da realidade objetiva (M com A).

Constatou-se que 41.66% dos avaliados ainda demonstram imaturidade psicológica, com reduzida capacidade de autoafirmação, autonomia e autocontrole, denotando escassa noção de sua própria identidade ($M = 0$). Ademais, 37.50% evidenciam sistema de valores próprios resultante de percepções socialmente aprendidas, mais relacionadas à conduta imitativa do que a noções elaboradas (M com V). O esperado seria $M > m + m'$, porém, neste estudo, obteve-se $58.33\% < 91.66\% + 70.83\%$. Predomina o tipo de movimento extensor, refletindo uma atitude afirmativa no comportamento com os demais.

Na distribuição do determinante de perspectiva, também apresentada na Tabela 3, a proporção esperada é $P_s > p_s + p_s'$ confirmando-se $50\% > 33.33\% + 00\%$, o que denota capacidade de comparação objetiva com os demais e compreensão dos diferentes papéis sociais (P_s). Observa-se prevalência das respostas de reflexo, que indicam a disposição do indivíduo para acatar seus próprios valores. No contexto forense, embora essas respostas estejam associadas a transtornos de personalidade com padrões desadaptativos nas relações interpessoais, tal adaptação não ocorre de forma isolada; é necessário associá-las a outras variáveis da Prova do Rorschach (Rovinski et al., 2015).

Tabela 3*Distribuição dos Determinantes de Movimento e Perspectiva*

Participante	M	M	m'	Ps	ps	ps'
1	2	4(1)	1	0	0	0
2	0	1	1	0	1	0
3	0	4	0	0	0	0
4	0	0	0	0	0	0
5	3	4(1)	6(2)	1	1	0
6	0	1	2	0	(2)	0
7	2	3	4(1)	3(1)	1	0
8	0	2	1	0	0	0
9	4	2(1)	3	1(1)	0	0
10	1	3	0	0	0	0
11	1	3	0	0	0	0
12	4	2(1)	4(2)	1	2	0
13	1	1(1)	1	0	0	0
14	4	5(2)	5	1	5	0
15	1	1	1	0	0	0
16	3	1	1	2(1)	2(1)	0
17	2	0	0	0	0	0
18	0	2	(3)	0	0	0
19	0	1	1	1	0	0
20	1	1(1)	3	1	0	0
21	0	3(1)	0	3	0	0
22	0	1	0	(1)	0	0
23	2(1)	9(1)	2	4	3	0
24	0	1	1	1	0	0

Nota. M= Movimento de figura humano. m= Movimento animal. m'= Movimento subjetivo. Ps= Resposta de perspectiva com forma bem delineada, predominando sobre a percepção de distância, ps= A forma, ainda que delimitada, perde-se na percepção da distância, tornando-se vaga e difusa. ps'= Na construção da imagem, não há participação da configuração formal, impondo-se apenas a noção de espaço.

As respostas adicionais (entre parênteses) são interpretadas conforme o contexto global do protocolo, complementando a análise das respostas principais e contribuindo para uma compreensão mais abrangente da personalidade e do funcionamento mental do indivíduo.

No que se refere à distribuição dos conteúdos humano (H) e parte humana (pH), apresentada na Tabela 4, a interpretação do comportamento humano indica conflitos nos relacionamentos interpessoais decorrentes da dificuldade em perceber o outro e a si mesmo de forma integrada. Os adolescentes tendem a relacionar-se com aspectos parciais e isolados das pessoas, demonstrando maior centramento em si do que nos demais ou nas relações interpessoais ($H < pH$). Entre os conteúdos humanos, algumas imagens produzidas são distantes (mulher, criança) ou irreais (gnomo, boneca e demônio), o que reflete um maior afastamento da percepção real de si.

Tabela 4*Distribuição dos Conteúdos Humano e Parte Humana*

Participante	H:pH	H	pH
1	3:3	3	3
2	2:2	2	2
3	0:9	0	9
4	1:3	1	3
5	5:0	5	0
6	0:1	0	1
7	2:10	2	10
8	2:0	2	0
9	8:2	8	2
10	1:4	1	4
11	4:2	4	2
12	7:5	7	5
13	6:3	6	3
14	8:2	8	2
15	3:8	3	8
16	2:2	2	2
17	2:3	2	3
18	2:3	2	3
19	1:4	1	4
20	3:6	3	6
21	2:4	2	4
22	3:1	3	1
23	5:0	5	0
24	2:4	2	4

Nota. H=Conteúdo Humano. pH= Parte Humana.

5.2. Caracterização Qualitativa dos Casos Selecionados

Com o intuito de ilustrar mais detalhadamente os achados previamente apresentados, a seguir são descritos alguns estudos de caso selecionados. Os adolescentes foram escolhidos com base nas particularidades observadas tanto no conteúdo de suas respostas ao Rorschach quanto em suas manifestações durante a anamnese e nas narrativas sobre suas trajetórias de vida e o ato

infracional. Esses relatos permitem compreender de forma mais ampla a dinâmica psíquica em funcionamento e exemplificam, de modo concreto, as diferentes expressões de desadaptação e comprometimento emocional.

Caso 07 – Adolescente de 16 anos, sexo masculino: prejuízo na adaptação e rigidez afetiva

Família monoparental, residente com a mãe e duas irmãs, e ausência paterna desde os 6/8 anos de idade: "ele escolheu outra mulher e não merece amor como antes, era meu super-herói" (sic). Relata crises de tremores e desmaios na infância, associadas a estresse, raiva ou menções ao pai. Experiências laborais breves (corte de eucalipto e ajudante de pedreiro). Faltas escolares frequentes, repetência em dois anos e cursava o 9º ano. Uso de maconha aos 13 anos e de cocaína aos 15, com função social ("distrair, chamar as meninas para dançar", sic). Motivação para o crime relacionada à busca por status e influência do grupo ("roupas e tênis de marca", sic).

Apresenta 13 detenções anteriores por assaltos e roubos, com medidas socioeducativas ineficazes ("ia ao fórum, assinava um termo e ia embora", sic), culminando em homicídio na 14ª apreensão. Durante a internação, demonstrou comportamento agressivo a funcionários ("tumultinhos", sic) e alternância entre arrependimento e desejo de mudança. Participou de cursos de capacitação (elétrica, web design, entalhe de madeira, entre outros). Embora relate intenção de mudar, mantém valorização social do comportamento infracional ("meninas gostam de menores como eu").

Durante a aplicação do teste, demonstrou postura respeitosa e colaborativa, mantendo atenção às instruções e adequada articulação verbal.

Interpretação do Rorschach: De forma geral, indica prejuízo na adaptação às exigências do meio, com dificuldade em reconhecer e se identificar com as normas do mundo

adulto. Em situações práticas, mantém estável a atenção e concentração, mas vínculo emocional limitado com a realidade. Quando seus afetos são mobilizados diretamente, denota ligação emocional com o ambiente, porém com exigência de autocontrole, e tendência à rigidez mental (Rmi total= 41.25↓; V total= 8.88↓; %F+ mono= 83.33↔; %A mono= 26.31↓; %F+ color= 100↑; %A color= 26.92↔).

O examinando demonstra sensibilidade afetiva, porém a expressão dos afetos é feita de forma mais espontânea e com a possibilidade de liberação imediata apoiada em nexos primários, sem apresentar impulsividade elevada (Af= 1.36↔; Imp= 0.62↔; M= 2; m= 3; m'= 4(1); Ps= 3(1); ps= 1; FC= 3; CF= 7(1); C= 1).

Caso 09 – Adolescente de 17 anos, sexo masculino: impulsividade elevada e pensamento concreto

Origem em família monoparental, com a mãe, padrasto e irmãos mais novos. Ausência paterna desde a infância, era alcoólatra (“não tenho amor por ele, pois escolheu outra família”, sic). Relatos de antecedentes criminais por parte de familiares paternos. Experiências laborais breves (garçom e vendedor de bijuterias). Rebaixado rendimento escolar, desinteresse e duas reprovações e abandono dos estudos, estava cursando o 1º colegial. Uso precoce e contínuo de drogas (maconha e cocaína) a partir dos 15 anos, associadas a coragem e desinibição. Relações interpessoais conflituosas, especialmente no relacionamento com a namorada, marcadas por ciúmes e controle excessivo.

Iniciado no tráfico aos 14 anos por influência de familiares. Histórico de tentativa de homicídio da namorada e posterior homicídio de um taxista. Comportamentos auto lesivos e agressivos na unidade socioeducativa. Capacitação profissional na unidade como, auxiliar administrativo, ênfase em informática, entre outros.

Apresentou postura respeitadora e colaboradora durante a avaliação, apresentando-se eloquente e disposto a fornecer detalhes sobre o delito, evidencia comportamento frio e mecanismos de defesa evidenciados na minimização dos atos ao narrar os delitos. Destacou-se pela elevada capacidade de expressão das ideias, articulando bem seus relatos, contudo, se colocava nas situações apresentadas, chegando a fabular ao explicar o que foi visto durante a prova.

Interpretação do Rorschach: De maneira geral, demonstra ligação emocional adequada com o ambiente, porém apresenta dificuldade em analisar os fatos de maneira objetiva. Somado a isso, em situações de iniciativa e tomadas de decisões, não se identifica com as normas de conduta de mundo adulto, o que interfere na sua adaptação à realidade externa. Quando os afetos são mobilizados diretamente, essa adaptação fica mais próxima do esperado, por conseguir se identificar com as regras de seu grupo de referência (Rmi mono= 38.88↓; %F+ total= 70.58↓; %A total= 36.36↔; %V mono= 5.55↓↓; Rmi color= 40.83↔; %V color= 20↔).

Observa-se reduzida sensibilidade aos estímulos afetivos e maior nível de impulsividade, uma vez que é mais susceptível aos estímulos mais básicos e primários. Embora consiga levar em consideração o outro e o ambiente ao expressar seus afetos, algumas vezes o faz de maneiras mais espontânea, e de forma livre, sem controle. Sua autonomia e valores próprios são defendidos através da agressividade, que sofre a influência de fantasias infantis e primárias (Af= 0.83↓; Imp= 1.14↑↑; M= 4; m= 2(1); m'= 3; Ps= 1(1); FC= 2; CF= 2; C= (1)).

Caso 12 – Adolescente de 17 anos, sexo masculino: reduzida sensibilidade afetiva e prejuízo na adaptação

Vive em família monoparental, composta por mãe, irmão e padrasto (boa relação), e relata ausência paterna decorrente de dependência química. Histórico de carência afetiva na

infância e experiências laborais instáveis (pedreiro, feirante, pizzaiolo, eletricista). Dificuldades escolares, com repetência e abandono e posterior retomada dos estudos na instituição, estava cursando o 8º ano. Uso precoce de drogas aos 11 anos (lança-perfume, cigarro, maconha) e envolvimento em crime motivado por ambição e reconhecimento. Demonstrava vergonha em relação ao trabalho perante as meninas e preferia atuar sozinho nos delitos.

Primeiro furto aos 15 anos, progredindo para o homicídio do tio (4 tiros com balas “dundum”, que estoura, atingindo vários órgãos), sob forte componente emocional e histórico de ameaças. Apesar de planejar o crime, evitou matar o tio enquanto dormia, optando por derrubar a porta e atirar em seguida. Entregou-se três dias depois, e familiares, incluindo a avó, prestaram depoimentos favoráveis, destacando as ameaças sofridas pelo adolescente.

Capacitação profissional durante a internação, com cursos de auxiliar administrativo, luminária, colocação de piso e azulejo. Relata arrependimento, mas resignação quanto ao julgamento social. Apresentou postura respeitadora, mantendo-se atento às orientações e demonstrando colaboração efetiva durante a realização do teste.

Interpretação do Rorschach: Apresenta dificuldade em aceitar o meio, suas implicações e limitações, o que leva a prejuízo na adaptação ao ambiente externo, isso tem ocorrido em função do julgamento pessoal e subjetivo dos fatos, com prejuízo em reconhecer e identificar-se com as normas de conduta do mundo adulto. Quando os afetos são mobilizados diretamente, denota ligação excessivamente infantil com o meio (Rmi total= 39.91↓; %F+ total= 70.58↓; %A total= 39.34↔; %V total= 9.83↓↓; Rmi mono= 38.70↓; %A mono= 33.33↔; Rmi color= 41.26↔; %A color= 46.42↑).

Apresentou reduzida sensibilidade aos estímulos afetivos do meio. Tendendo a expressar seus afetos de modo instável, ou seja, ora considera o outro e o ambiente, ora busca satisfazer

suas próprias necessidades, podendo ainda atuar de modo imediato e irrefletido. Fantasias infantis e irracionais interferem em seu comportamento apresentando também sentimento de impotência. Apesar de possuir potencial afirmativo, este não está plenamente desenvolvido, pois ainda sofre a influência dessas fantasias. Apresenta preocupação em se impor no ambiente de modo a definir sua posição (Af= 0.84↓↓; Imp= 0.55↔; M= 4; m= 2(1); m'= 4(2); Ps= 1; ps= 2; FC= 2; CF= 3; C= 1).

Caso 21 – Adolescente de 17 anos, sexo masculino: impulsividade elevada e escassa autonomia

Família monoparental composta por mãe, irmãos e padrasto violento; pai ausente e encarcerado por assalto. História de testemunho de violência doméstica (presenciou agressões do pai contra a mãe e sofrer maus-tratos físicos e psicológicos pelo padrasto) e vínculos familiares envolvidos com a criminalidades (irmão preso por assalto, marido da tia traficante). Experiências laborais breves (Feira, lava-rápido, assistente de pintor).

Dificuldades de aprendizagem, repetência, evasão; estava cursando o 2º ano. Iniciou o consumo de maconha aos 12 anos e uso frequente de bebidas alcoólicas e começo no tráfico após morte do pai. Demonstra orgulho dos delitos, detalhando-os com elevada satisfação, busca reconhecimento midiático; e já promoveu fuga na unidade.

Iniciou no tráfico aos 12 anos e aos 15 já tinha sido detido pelo mesmo motivo. Demonstrou orgulho pelos crimes cometidos e certa fascinação pela notoriedade, o homicídio atual referente a uma profissional da saúde (“caso de grande repercussão na mídia”).

Participou de diversos cursos profissionalizantes durante a internação (elétrica, desenho, artes plásticas, percussão, pizzaiolo, colocação de piso, informática básica, web design, design de

moda e telemarketing), destacando-se no desenho, ganhando medalha na unidade. Recebia cartas de admiradoras em razão de sua imagem pública.

Denotou postura respeitadora e colaboradora durante a avaliação, apresentando-se eloquente e disposto a fornecer elevados detalhes sobre os delitos. Evidencia uma adequada expressão das ideias, e articulando expressivamente seus relatos.

Interpretação do Rorschach: De modo geral apresenta prejuízo em adaptar às exigências do ambiente externo, com dificuldade em se identificar com as normas convencionais adotada pela maioria. Quando seu juízo crítico é mais exigido, envolve-se emocionalmente com o meio, com acentuada subjetividade na hora de analisar os fatos. Já quando seus afetos são mobilizados diretamente, julga os eventos de modo objetivo, com elevada tensão emocional (Rmi mono= 36.29↓; %F+ mono= 55.55↓↓; %A mono= 46.66↔; %V mono= 6.66↓↓; Rmi color= 47.20↔; %F+ color= 76.92↔; %A color= 52.94↑; %V color= 11.76↓).

Observa-se sensibilidade aos estímulos afetivos, porém com excessiva presença de impulsividade. Denota reatividade elevada aos estímulos externos reagindo sob a pressão de estímulos primários, ao mesmo tempo sua sociabilidade é escassa, onde ainda denota elevada dificuldade em expressar seus sentimentos, e a única expressão de seus afetos no momento é feita apenas levando em consideração suas necessidades, com dificuldade em apreciar o ambiente e os demais. Tenta controlar o meio, se impondo, para atenuar a falta de um conjunto de valores próprios e de autonomia refletida. Esses comportamentos são influenciados pelas fantasias infantis, e assim, a imaturidade psicológica ainda se faz presente (Af= 1.23↔; Imp= 1.12↑↑; m= 3(1); Ps= 3; CF= 1).

5.3. Síntese dos Padrões Observados

A análise das trajetórias desses adolescentes revela um padrão preocupante e recorrente, caracterizado por múltiplas vulnerabilidades que se entrelaçam e potencializam o risco de envolvimento com a criminalidade. Em todos os casos, observa-se a ausência paterna e a desestruturação familiar, frequentemente acompanhadas de violência doméstica e histórico criminal, configurando um ambiente favorável ao desenvolvimento de comportamentos desviantes.

A trajetória escolar fragilizada, marcada por repetência, evasão e baixo rendimento, reflete não apenas dificuldades acadêmicas, mas também a ausência de um projeto de vida consistente e motivador. No entanto, alguns adolescentes percebem a unidade socioeducativa como oportunidade de melhoria, como evidenciado nos casos 12 e 21, sendo o caso 21 especialmente notável pela melhora no desempenho escolar após a internação.

O início precoce do uso de drogas surge como mecanismo de enfrentamento diante das adversidades emocionais e sociais, agravando ainda mais a situação desses adolescentes, destacando-se o caso 12, com uso de múltiplas substâncias desde a infância. A experiência laboral, presente em todos os casos, é predominantemente precária e informal, sem oferecer perspectivas reais de ascensão social, perpetuando o ciclo de vulnerabilidade.

No percurso criminal, nota-se progressão dos delitos, que vão de furtos e roubos até crimes de maior gravidade, evidenciando o aprofundamento do envolvimento com a criminalidade ao longo do tempo. As atitudes diante dos delitos variam entre arrependimento, racionalização e ostentação, indicando distintos níveis de consciência moral e responsabilização.

A vivência nas unidades socioeducativas, embora proporcione acesso a cursos profissionalizantes e atividades ocupacionais, é permeada por conflitos e desafios emocionais, o que ilustra a complexidade do processo de ressocialização. O caso 21, por exemplo, destaca-se

pela ostentação e participação em fugas, mas também por seu engajamento em atividades artísticas, especialmente no curso de desenho, no qual relatou “agora tenho tempo” (sic) e chegou a conquistar uma medalha por melhor desempenho.

Os principais fatores de risco identificados, ausência paterna, violência familiar, baixa escolaridade, uso precoce de drogas e condições laborais precárias, são agravados pela fragilidade dos fatores de proteção, como vínculos familiares frágeis e falta de projetos de vida alternativos à criminalidade.

Assim, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas integradas e multidisciplinares que atuem de forma preventiva, fortalecendo vínculos familiares, promovendo a inclusão escolar e social, oferecendo suporte psicológico e oportunidades reais de trabalho e desenvolvimento pessoal. Somente por meio dessas ações será possível romper o ciclo de vulnerabilidade e construir caminhos efetivos para a reintegração social desses adolescentes.

Os protocolos analisados evidenciaram fragilidades estruturais significativas no funcionamento psíquico dos adolescentes avaliados, conforme os indicadores obtidos na prova do Rorschach. De modo geral, observou-se prejuízo na aceitação da realidade e de suas limitações, com frequência de respostas de humanos contendo distorções formais, o que sugere dificuldades na constituição da identidade e na percepção integrada de si e do outro.

Predominaram estímulos afetivos de natureza primária, com funcionamento impulsivo e excassa elaboração simbólica. Esses achados são corroborados por rebaixados índices de controle (C) e reduzida dependência do mundo real, resultando em respostas afetivas individualistas e impulsivas (CF), o que reforça a hipótese de ineficácia dos mecanismos de contenção emocional.

Observou-se também o uso limitado do determinante movimento (M), indicando imaturidade psicológica e funcionamento mental empobrecido, centrado na imediatividade dos estímulos. Esse padrão dificulta a elaboração de conflitos e a simbolização da experiência afetiva, comprometendo a capacidade de integração emocional e social.

A análise integrada dos protocolos indica que os adolescentes apresentam um funcionamento psíquico que combina fragilidades estruturais, impulsividade, pensamento concreto e relações objetais pouco diferenciadas. Esses aspectos contribuem para uma maior vulnerabilidade à repetição de comportamentos transgressivos, especialmente quando associados a contextos familiares e sociais permeados por negligência, violência e institucionalização.

6. Discussão

6.1. Funcionamento Psíquico dos Adolescentes

A aplicação da Prova do Rorschach, conforme o sistema Aníbal Silveira, revelou aspectos relevantes da estrutura de personalidade dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Os protocolos apontam um funcionamento psíquico marcado por dificuldades de simbolização e predominância de processos primários de pensamento, o que compromete a elaboração emocional e a adaptação social, caracterizando uma cognição concreta e pouco elaborada.

Esse funcionamento, evidenciado pela dificuldade simbólica e predomínio de processos primários de pensamento, reflete o que a literatura associa às adversidades sociais e emocionais enfrentadas por essa população (Assis & Constantino, 2005; UNICEF, 2021). Estudos de Mecca et al. (2017) indicam que déficits em cognição social estão frequentemente relacionados à dificuldade de processar emoções e intenções alheias, aspectos evidenciados nos protocolos do Rorschach por respostas concretas e escassa presença de conteúdos humanos (Chabert, 2004;

Adrados, 1991). Esses achados sugerem empobrecimento das experiências relacionais e limitações no desenvolvimento afetivo, intensificados pela vulnerabilidade social e econômica (IBGE, 2024; IPEA, 2019).

Constatou-se uma tendência à simplificação perceptiva, com reduzida integração de estímulos complexos e predomínio de respostas impulsivas. Tal padrão sugere uma tentativa defensiva frente a estímulos emocionais percebidos como ameaçadores, resultando em comportamento reativo e pouco reflexivo.

Além disso, verificaram-se sinais de fragilidade nas funções egóicas, especialmente no controle dos impulsos, na regulação afetiva e no julgamento crítico. Esses indicadores apontam para o predomínio de mecanismos defensivos primitivos, como negação, cisão e atuação, que, quando associados à baixa tolerância à frustração e à dificuldade de elaboração simbólica, predispõe à manifestação de comportamentos desadaptativos, incluindo expressões violentas ou transgressoras.

6.2. Relações Objetais e Construção do Self

Os dados revelam dificuldades significativas na constituição da identidade e na construção de uma imagem integrada de si e do outro. Essa limitação empática contribui para a repetição de atos infracionais e para a manutenção de padrões relacionais marcados pela instabilidade.

Os resultados obtidos evidenciam fragilidades na constituição do self e na formação de vínculos afetivos, corroborando a literatura que associa tais déficits à exposição precoce à negligência e à violência (Coelho et al., 2007; Pereda & Ruiz, 2021). Essas experiências impactam o desenvolvimento da empatia e a capacidade de internalizar modelos relacionais

positivos, conforme identifica Auvinen-Lintunen et al. (2015), o que dificultando a adaptação social e perpetua posturas defensivas, alternando comportamentos evitativos e agressivos.

A baixa ocorrência de respostas de movimento humano no Rorschach reforça a presença de limitações empática e confirma estudos que associam esse indicador ao desenvolvimento psíquico deficitário em populações vulneráveis (Jimura et al., 2021). O distanciamento afetivo, observado em diversos protocolos, pode ser interpretado como um mecanismo de autoproteção diante de experiências emocionais desorganizadoras.

O desenvolvimento da empatia, nesse contexto, torna-se essencial para a reconstrução dos vínculos afetivos e sociais, promovendo o senso de pertencimento e responsabilidade social. A cognição social, compreendida como a capacidade de perceber o outro, interpretar intenções e modular as respostas comportamentais, desempenha papel central na adaptação social de adolescentes em conflito com a lei (Mecca et al., 2017).

6.3. Hipóteses Clínicas

Com base na análise dos protocolos, observa-se que esses adolescentes apresentam instabilidade emocional, impulsividade e fragilidade na delimitação do self. Essa configuração parece resultar de trajetórias de vida marcadas por fatores de risco psíquicos e sociais, como desestruturação familiar, ausência de vínculos protetivos e exposição precoce à violência (Pereda & Ruiz, 2021).

A instabilidade afetiva, aliada à impulsividade e à fragilidade do self, confirma evidências teóricas sobre os efeitos das trajetórias de risco no desenvolvimento da personalidade. De acordo com De Ruiter (2021) e Mihura et al. (2013), tais padrões estão associados a déficits no controle das respostas emocionais e aumento do risco para comportamentos infracionais e reincidência criminal.

Nessa perspectiva, a conduta infracional pode ser compreendida como forma de expressão de conflitos internos não elaborados e de angústias não simbolizadas, nas quais a agressividade e a transgressão funcionam como vias de descarga e tentativa de comunicação psíquica.

6.4. Implicações Psicossociais e Preventivas

Os resultados obtidos neste estudo reforçam a relevância de intervenções clínicas e psicossociais que contemplem o sujeito em sua totalidade, psíquica, emocional e relacional. Estratégias terapêuticas voltadas ao fortalecimento das funções do ego, à ampliação da consciência emocional e ao desenvolvimento da empatia são fundamentais para a reintegração social dos adolescentes em conflito com a lei.

Esses achados convergem com as recomendações da literatura internacional, como apontam Prop et al. (2025), ao defenderem a centralidade de intervenções direcionadas ao fortalecimento de vínculos pró-sociais e ao desenvolvimento da empatia, estratégias consideradas essenciais para a redução da reincidência juvenil. Intervenções individualizadas e de caráter multi-institucional, conforme salientam Souza et al. (2016) e Moreira et al. (2021), mostram-se indispensáveis diante da complexidade dos fatores que compõem o funcionamento psicológico dessa população.

Além disso, ações integradas envolvendo família, escola e comunidade destacam-se como fundamentais para a construção de redes de apoio e proteção. A literatura enfatiza que esses contextos atuam como espaços mediadores na reorganização psíquica e social dos adolescentes (Chammas et al., 2018). Em consonância com esses autores, os resultados deste trabalho indicam que compreender os fatores implicados na adaptação psicossocial dos

adolescentes tem não apenas valor teórico, mas também relevância prática, servindo como subsídios para encaminhamentos e intervenções mais eficazes, favorecendo a reinserção social.

A implementação de programas de reabilitação pautados no modelo Risco-Necessidade-Responsividade (RNR), em avaliações sistemáticas de risco e em atividades educativas que promovam senso de pertencimento, responsabilidade e construção de vínculos afetivos saudáveis, possui grande potencial para prevenir a reincidência e favorecer a reorganização psíquica dos jovens. Souza et al. (2016) ressaltam a importância da reabilitação individualizada, dado o caráter heterogêneo do funcionamento psicológico de adolescentes que cometeram homicídio. Moreira et al. (2021) reforça que, diante de crimes de alta gravidade, são necessárias medidas preventivas específicas.

Por fim, a avaliação psicológica desses adolescentes impõe desafios importantes, considerando a multiplicidade de fatores que influenciam o comportamento infracional. Nesse contexto, destaca-se a utilização da Prova de Rorschach desde o início do processo socioeducativo, uma vez que permite o acesso a níveis mais profundos da personalidade e do funcionamento psíquico. O Rorschach possibilita identificar indicadores de sofrimento emocional, agressividade, insegurança, constrição afetiva e conflitos familiares, ampliando a compreensão do funcionamento mental e subsidiando a elaboração de intervenções mais precisas e adaptadas às demandas individuais, como relatado por Juliana et al. (2024). Adicionalmente, o método pode ser útil na detecção precoce de transtornos mentais, viabilizando encaminhamentos adequados e intervenções preventivas.

6.5. Relação entre Déficits Observados e Prejuízos na Cognição Social

Os déficits identificados nos adolescentes, tais como impulsividade, dificuldades afetivas, pensamento concreto e vínculos interpessoais frágeis, configuram-se como fatores que

comprometem significativamente a cognição social. Segundo Mecca et al. (2017), a cognição social refere-se à capacidade de perceber, interpretar e responder adequadamente às emoções, intenções e comportamentos alheios, sendo essencial para a adaptação social e o estabelecimento de relações saudáveis.

A fragilidade empática, caracterizada pela dificuldade de reconhecer o outro de modo realista, contribui diretamente para a reincidência infracional, pois limita a compreensão das consequências sociais das próprias ações. Esses achados reiteram as formulações de Mecca et al. (2017) e Adolphs (2009) sobre a importância da cognição social para uma integração social equilibrada.

Os índices reduzidos de respostas de conteúdo humano e de movimento no Rorschach corroboram a teoria de que limitações empáticas e falhas interpretativas quanto ao outro favorecem a perpetuação de comportamentos infracionais, dificultando a reestruturação de vínculos interpessoais e a construção de novos significados para as experiências de vida.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, indicam que 54.16% dos adolescentes avaliados apresentam dificuldades em aceitar o meio e suas limitações, interferindo na adaptação ao ambiente externo. Além disso, 70.83% demonstram prejuízos cognitivos relacionados à atenção e à concentração, comprometendo o julgamento crítico e favorecendo interpretações subjetivas e distorcidas da realidade. Verificou-se também que 66.66% dos participantes apresentam dificuldades para identificar-se com normas e valores da coletividade, evidenciando desarticulação com as convenções sociais.

A Tabela 2 revela que 37.50% dos adolescentes apresentam elevado nível de impulsividade, e 33.33% evidenciam sensibilidade afetiva reduzida, demonstrando reações

emocionais autocentradas e instáveis. Esse perfil compromete a integração dos afetos com as exigências da realidade social, reforçando padrões comportamentais desadaptativos.

A imaturidade psicológica, evidenciada pela Tabela 3, manifesta-se em 91.66% dos casos por meio de atitudes infantis e rebaixada capacidade de autoafirmação, autonomia e autocontrole, fatores que comprometem a construção da identidade e a adaptação social. Já a Tabela 4 confirma, pela percepção fragmentada de si e do outro, a existência de conflitos interpessoais significativos, dificultando a formação de vínculos estáveis e a compreensão das dinâmicas relacionais.

Assim, a deficiência na cognição social emerge como eixo central da adaptação precária desses adolescentes, limitando a capacidade de estabelecer vínculos afetivos consistentes, interpretar normas sociais e exercer autocontrole. Em conjunto, tais limitações perpetuam comportamentos infracionais e dificultam a reintegração social.

7. Conclusão

Este estudo teve como objetivo compreender o funcionamento psíquico de adolescentes autores de homicídio ou latrocínio em cumprimento de medida socioeducativa, por meio da aplicação da Prova do Rorschach e da articulação dos resultados com fundamentos teóricos da área.

Os achados indicam déficits expressivos em cognição social e imaturidade emocional, identificados tanto nos protocolos do Rorschach quanto nas trajetórias marcadas por contextos de vulnerabilidade, violência e desestruturação familiar, conforme relatado por IBGE (2024), IPEA (2019) e UNICEF (2021).

A análise dos protocolos evidenciou funcionamento psíquico caracterizado por dificuldades de simbolização, predomínio de processos de pensamento concretos, baixa empatia

e fragilidade das funções egóicas. Tais características, previstas pela literatura (Assis & Constantino, 2005; Mecca et al., 2017; Chabert, 2004), decorrem da exposição prolongada à violência, da ausência de vínculos seguros e de carências afetivas durante o desenvolvimento.

As taxas reduzidas de respostas com conteúdo humano (H) e de movimento (M) no Rorschach refletem, segundo Adrados (1991) e Jimura et al. (2021), empobrecimento relacional e déficits de mentalização, comprometendo a capacidade desses adolescentes para interpretar emoções e intenções alheias, habilidades fundamentais à adaptação social.

Os déficits de cognição social, a impulsividade e a dificuldade de aceitar normas sociais observados nos adolescentes avaliados confirmam o que Adolphs (2009) e Mecca et al. (2017) descrevem como elementos centrais à adaptação do sujeito em sociedade: a percepção e a regulação adequadas das próprias emoções e das dos outros. A presença de mecanismos defensivos primitivos e de imaturidade emocional, revelada pelos índices do Rorschach (Tabelas 1 a 4), sustenta a hipótese de que a reincidência infracional se relaciona a dificuldades profundas de simbolização e empatia, conforme discutido por Coelho et al. (2007) e Pereda e Ruiz (2021).

Esses resultados reafirmam a necessidade de intervenções clínicas, psicossociais e preventivas integradas, referenciadas por Chammas et al. (2018), Souza et al. (2016) e Moreira et al. (2021), que contemplem o desenvolvimento das funções egóicas, a ampliação da consciência emocional e a promoção de redes de apoio familiares, escolares e comunitárias.

Esses resultados evidenciam que os déficits emocionais, cognitivos e sociais observados não ocorrem isoladamente, mas inserem-se em trajetórias marcadas por exclusão, desestruturação familiar e vivências traumáticas (Pereda & Ruiz, 2021; Juliana et al., 2024). Nesse sentido, recomenda-se que a Prova de Rorschach seja incorporada sistematicamente às avaliações iniciais dos adolescentes nas unidades executoras das medidas socioeducativas,

ampliando a compreensão dos processos intrapsíquicos e dos fatores de risco para reincidência, conforme sugerem De Ruiter (2021) e Mihura et al. (2013).

Este trabalho apresenta limitações decorrentes das restrições inerente à pesquisadora e da escassez de estudos recentes sobre o tema e abordagem estudada, dificultando a integração de produções científicas à análise desenvolvida. Recomenda-se investigações futuras que ampliem a articulação entre família, escola, comunidade e serviços públicos.

Sugere-se, ainda, a realização de estudos longitudinais que avaliem reincidência, reinserção escolar e adaptação social, bem como a implementação de políticas públicas que priorizem medidas voltadas à construção de novas trajetórias e à promoção de alternativas reais de reintegração, conforme orientam Prop et al. (2025). Recomenda-se em especial, que adolescentes egressos das medidas socioeducativas, residentes em contextos de risco, sejam orientados a buscar programas de moradia e projetos de reintegração centrados na tomada de decisão e no desenvolvimento da responsabilidade pessoal.

8. Referências

- Adolphs, R. (2009). The social brain: Neural basis of social knowledge. *Annual Review of Psychology*, 60, 693–716.
- Adrados, I. (1991). *Teoria e prática do Teste de Rorschach*. (11th ed.). Editora Vozes.
- American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association: The official guide to APA style* (7th ed.).
- Aschieri, F., & Pascarella, G. (2021). A systematic narrative review of evaluating change in psychotherapy with the Rorschach Test. *Rorschachiana*, 42(2), 232–257. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000142>
- Assis, S., & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1):81–90. <http://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100014>
- Auvinen-Lintunen, L., Lindgren, M., Tikkanen, R., & Ilonen, T. (2015). Mental imagery and movement responses to the Rorschach Test among young violent offenders. *Rorschachiana*, 36, 201–220. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000070>
- Brasil, 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA). <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/18069.htm>
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. Vetor.
- Chammas, F., & Thiago, M. (2018). *Violência sexual na adolescência – Estudo da adaptação à realidade em grupo de jovens agressores sexuais* [Manuscrito não publicado]. Sociedade Rorschach de São Paulo.
- Cinti, M., Lastretti, M., Pomilla, A., Pedata, L., & Burla, F. (2016). Impulsiveness and metarepresentative functions of borderline patients with psychopathic conducts: An

- experimental study with the Rorschach Test. *International Journal of Ment Health & Psychiatry*, 2(6). <https://doi.org/10.4172/2471-4372.1000138>
- Coelho, L. (1980). *Epilepsia e personalidade*. (2nd ed.). Ed. Ática.
- Coelho, L., & Falcão, M. (2006). *Prova de Rorschach: Diretrizes gerais na interpretação dos resultados*. Terceira Margem.
- Coelho, L., Cardoso, E., Costa, G., Falcão, M., Furtado, K., Hortelan, T., Pellini, M. C., Rossi, E., & Salvia, M. (2007). *Rorschach clínico: Manual básico* (3rd ed.). Terceira Margem.
- Coelho, L., Pellini, M. C. & Ramiro, V. (n.d). *O Sistema Anibal Silveira e pesquisa normativa com o Rorschach sexuais* [Manuscrito não publicado]. Sociedade Rorschach de São Paulo.
- Cunha, I. (2017). O tornar-se adolescente: Grelha de análise para o Rorschach. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 8(1), 205–220.
- De Ruiter, C. (2021). *The Rorschach and violent crime: A literature review and case illustration*. *Rorschachiana*, 42(2), 175–195. <https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000134>
- Denham, S. A., Blair, K. A., De Mulder, E., Levitas, J., Sawyer, K., Auerbach–Major, S., & Queenan, P. (2002). Preschool emotional competence: Pathway to social competence? *Child Development*, 73(2), 238–256. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00438>
- Dias, A., & Onofre, E. (2010). A relação do jovem em conflito com a lei e a escola. *Impulso*, 20(49).

- Exner, J. E. (1993). *The Rorschach: A comprehensive system: Basic foundations, 1* (3rd ed.). Wiley.
- Grattagliano, I., Zizolfi, S., Zizolfi, D., Valerio, A., Zecca, S., & Catanesi, R. (2019). Rorschach test on the crime scene in the authors of homicide: Retrospective statistical study. *Rassegna Italiana di Criminologia*, 13(1).
<https://doi.org/10.7347/RIC-012019-p65>
- Heide, K. (2003). Youth homicide: A review of the literature and a blueprint for action. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 47(1), 6–36.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2024). *Síntese de indicadores sociais*.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2019). *Desenvolvimento econômico e social no Brasil: Desafios e perspectivas*.
<https://www.ipea.gov.br/publicacoes/desenvolvimento2019>
- Jimura K., Asari T., & Nakamura N. (2021). Can neuroscience provide a new foundation for the Rorschach variables? *Rorschachiana*, 42(2), 143–165.
<https://doi.org/10.1027/1192-5604/a000147>
- Juliana, J., Hutagalung, F., & Nor, A. (2024). Psychological experience of juvenile offenders in correctional institutions: A systematic review Of qualitative studies. *Journal of Population and Social Studies*, 32, 609–630.
<http://doi.org/10.25133/JPSSv322024.036>

- Liebman, S., Porcerelli, J. & Abell, S. (2005). Reliability and validity of Rorschach aggression variables with a sample of adjudicated adolescents. *Journal of Personality Assessment*, 85(1), 33–39. http://doi.org/10.1207/s15327752jpa8501_03
- Mecca, T. P., Dias, N. M., & Berberian, A. A. (2017). *Cognição social: Teoria, pesquisa e aplicação*. Memnon. ISBN 978-85-7954-108-7
- Mento C., Pagano I., Lombardo C., & Silvestri C. (2020). Cognitive deficits and Rorschach task. *Cogent Psychology*, 7(1). <https://doi.org/10.1080/23311908.2020.1848111>
- Mihura, J. L., Meyer, G. J., Dumitrascu, N., & Bombel, G. (2013). The validity of individual Rorschach variables: Systematic reviews and meta-analyses of the Comprehensive System. *Psychological Bulletin*, 139(3), 548–605. <https://doi.org/10.1037/a0029406>
- Moreira, S., Vieira, R., & Andrade, E. (2021). Adolescentes autores de homicídio: Revisão sistemática dos fatores de risco. *Psicologia e Saúde em Debate*, 7(1), 131–148. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N1A10>
- Pereda, N., & Ruiz, R. (2021). Exposure to family violence and risk factors for recidivism in juvenile offenders. *Victims & Offenders*, 17, 219–237. <https://doi.org/10.1080/15564886.2021.1888168>
- Prop, L., Van Der Laan, A., Beerthuisen, M., Barendregt, C., & Van Nieuwenhuizen, C. (2025). Juvenile sanctions for young adult offenders in the Netherlands: An opportunity for rehabilitation? *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 19(33). <https://doi.org/10.1186/s13034-025-00888-3>
- Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico: Método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção*. (8th ed.). Editora Mestre Jou.

- Rovinski, S., Nascimento, R., & Scortegagna, S. (2015). Respostas de reflexo no Rorschach em distintos níveis de adaptação psicossocial. *Revista Avaliação Psicológica*, 14(2), 243–252. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.09>
- Sanfey, A. G. (2007). Social decision-making: Insights from game theory and neuroscience. *Science*, 318(5850), 598–602.
- Souza C., & Resende A. (2016). Perfis de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 73–86. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210107>
- Silveira, A. (1985). *Prova de Rorschach: Elaboração do psicograma*. (2nd ed.). Editora Brasileira Ltda.
- Tasdemir, I., Boylu, M.E., Dogan, M., Ozcanli, T., & Karacetin, G. (2024). Forensic psychiatric and criminal dimensions of juvenile homicide/attempted homicide cases in Turkey. *Journal of forensic and legal medicine*, 102, 102.
- United Nations Children’s Fund (UNICEF). (2021). *State of the World’s Children 2021: On My Mind – Promoting, protecting and caring for children’s mental health*. <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021>
- Zizolfi, S., Grattagliano I., Zizolfi D., Zecca S., Loconsole P., Prudente L., Valerio A., & Catanesi R. (2023). Rorschach test in murderers: A systematic review of the literature 1946-2021 II – Descriptive, not controlled group studies. *Rassegna Italiana di Criminologia*, 17(4), 300–316. <https://doi.org/10.7347/RIC-042023-p300>